



Realidade Pandêmica – Uma Percepção Interiorana

Deidry Lorena Pinho Nery

*Graduanda em Enfermagem, Integrante do Programa de Iniciação Científica-
ILMD FIOCRUZ Amazônia.*

“Menina, vem embora que aqui no interior não tem Coronavírus não!”

Esta foi a frase que ouvi da minha mãe, depois de uma longa conversa por chamada de vídeo, pois é dessa maneira que temos o nosso contato mais próximo e diário, após longos quatro anos, desde que eu parti do meu interior. Nascida e criada no município de Tefé-AM, tive que deixar família, casa e tantos outros afetos que só o interior proporcionava, de maneira muito precoce, aos 16 anos, em busca de um futuro que lá não me seria ofertado, em busca de condições melhores de estudo. Realidade muito frequente da maioria dos adolescentes que lá vivem, ao deixar seus familiares e virem para a capital, onde não se conhece absolutamente nada, sem o abraço carinhoso de seus pais e sem o aconchego de seu lar para voltar, após um dia cansativo.

Tefé é um município de gente boa e trabalhadora, que valoriza cada conquista e não esmorece com qualquer desventura. Está localizado a cerca de 532 quilômetros de Manaus-AM, com uma população estimada de 59.547 habitantes, sendo o 8º município mais populoso do estado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2020 ⁽¹⁾.

Quando se fala em pandemia de COVID-19 nas regiões interioranas do Amazonas, o sentimento que me vem, de maneira avassaladora e integral, é a preocupação. Quando o primeiro óbito por COVID-19 foi notificado no Brasil, em 17 de março de 2020, vinte dias após o registro do primeiro caso, a doença já havia sido declarada como pandêmica pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e já havia sido, em grande parte, controlada na China. A Europa acumulava mais de 64 mil casos e 3 mil mortes, sendo a Itália o país mais afetado ⁽²⁾.



É interessante falar do impacto de uma pandemia em uma região interiorana, onde não há estrutura para lidar, tanto fisicamente, quanto emocionalmente. O primeiro caso confirmado no município de Tefé ocorreu em 07 de abril de 2020, e desde então tomou proporções maiores do que as previstas, com cerca de 3.433 casos confirmados até 27 de agosto de 2020, segundo o Boletim Epidemiológico divulgado pelo portal da Prefeitura municipal.

Eu já estava em isolamento social na capital Manaus enquanto meus familiares entravam em uma pandemia que sabíamos que o município não teria recursos para combater. Um misto de sentimentos tomou conta de mim quando soube do primeiro caso confirmado, pensei inevitavelmente em meus avós, já idosos e integrantes do grupo de risco, nos meus pais que são professores e estavam em contato direto com seus alunos, na minha irmã que ainda não compreende a dimensão de uma pandemia, nas pessoas que precisariam de um auxílio hospitalar de maior complexidade e que, naquele momento, poderiam não ter; naqueles que perderam seus empregos, nos comércios que fecharam, nas atividades que foram paralisadas e nas vidas perdidas.

É sabido e entendido o quanto a vida é cíclica, o quanto não temos controle sobre ela, e que, muito embora tentemos tomar as rédeas, ela sempre vai aonde deve ir, e com a pandemia de Sars-Cov2, não foi diferente. O vírus se espalhou, e de maneira assustadora, sem se importar com idade, gênero e situação financeira, ele se espalhou e Tefé se viu em uma situação nunca pensada. A pandemia havia chegado lá.

Meus pais e familiares preocupados com a minha situação em Manaus, e eu preocupada com eles no interior. Tefé entrou em *lockdown* (fechamento total) em 05 de maio, medida que impossibilitava o trânsito de pessoas nas ruas, somente profissionais da saúde, policiais, guardas de trânsito em exercício de suas funções, serviços de *delivery* dos ramos alimentício e farmacêutico, medida que possibilitou a diminuição da disseminação viral, haja vista que menos pessoas nas ruas, significava menos aglomeração e conseqüente queda da propagação do *Coronavírus*. Todavia, os casos não deixaram de existir, e sinto informar que a população indígena da cidade foi bastante afetada, com cerca de 82 indígenas infectados até 27 de agosto de 2020, número alto, por se tratar de uma população vulnerável, devido ao contato com os brancos contaminados.

Nessa mesma data contabiliza-se 85 óbitos, que só não foram maiores pela transferência para a capital de muitos casos complexos, pois o município não conta com



Unidade de Terapia Intensiva Avançada, muito embora reconheça-se o esforço das autoridades em busca de recursos para os infectados. Todos esses óbitos, penso, resumem-se em vidas humanas, com sonhos, perspectivas e esperança, que infelizmente não puderam dar continuidade.

A frase que minha mãe insistia em reiterar, agora não faz mais sentido. Acredito que o vírus tenha chegado em Tefé por meio de embarcações e transportes aéreos vindos da capital, pois até o *lockdown* definitivamente acontecer no município, a rotatividade de pessoas e o fluxo Manaus-Tefé era gigantesco. Para os filhos que moram na capital a preocupação é um sentimento que não deixa de existir, e o que nos resta é orientar que as medidas de cuidado e prevenção sejam realizadas. E para os pais que permanecem no interior, a aflição toma rédeas imensamente maiores.

Os interiores do Brasil, assim como as capitais e o mundo inteiro, aguardam e esperam por dias melhores, ansiamos o momento em que poderemos nos abraçar, em que possamos nos aproximar, ansiamos por vida, por ar puro, por acolhimento, e acima de tudo, ansiamos o momento em que a pandemia não seja mais uma realidade para nós.

Referências citadas

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 31/08/2020
2. World Health Organization. WHO Coronavirus Disease (COVID-2019) situation reports. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports> Acesso em 01/09/2020.